

VESTÍGIOS DA CULTURA MATERIAL ESCOLAR: HISTÓRIA E MEMÓRIA DA ESCOLA PÚBLICA INSCRITA EM TROFÉUS E MEDALHAS. FISCARELLI, Rosilene Batista de Oliveira. FCLAr/UNESP.

Eixo Temático: 7. Arquivos, centros de documentação, museus e educação

Título geral da comunicação coordenada/eixo: História da Cultura Material Escolar: possibilidades de investigação

Desde 2002, o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura e Educação: saberes e práticas pedagógicas na história da educação brasileira vem desenvolvendo estudos relacionados à cultura material escolar. Tal interesse tem articulado investigações diversas, envolvendo os saberes produzidos sobre os materiais didáticos, as políticas governamentais voltadas para a dotação de materiais para as escolas, assim como a questão dos usos e dos sentidos simbólicos que esses objetos adquirem no universo escolar. Relacionando a problemática com a organização de arquivos documentais, os pesquisadores têm-se voltado também, para a discussão metodológica sobre as potencialidades dos materiais escolares como fontes de informação para a compreensão da cultura escolar.

Em se tratando das instituições educativas, para além do arquivo permanente, dos documentos textuais e iconográficos, é possível encontrar um conjunto significativo de objetos portadores de indícios da história e memória da instituição. Nos porões, nos sótãos, debaixo das escadas, no canto de um armário da biblioteca, da secretaria ou da sala da diretoria, na dispensa ou no laboratório, diversificados objetos são reveladores dos usos e sentidos educacionais. A carteira abandonada, o sino, o velho mimeógrafo, o projetor de slides e de filmes, o flanelógrafo, o globo e os mapas, equipamentos do laboratório de física e química, os jogos, os troféus e medalhas, entre outros. O que esses objetos podem informar sobre a vida escolar? Como interrogá-los, ou melhor, como utilizá-los como documentos?

No processo de organização do arquivo permanente da Escola Estadual Bento de Abreu de Araraquara, deparamo-nos com vários desses objetos acantoados em diferentes espaços da escola. Desde o início, chamou-nos a atenção o grande número de troféus expostos numa prateleira no corredor central da escola e sobre o armário na sala da diretoria. A reunião, organização e exame desse material constituem o objeto de análise deste texto.

Cultura Material e História

Estudos sobre a cultura material têm uma longa tradição no âmbito dos museus e de disciplinas como a arqueologia e a antropologia, sendo bem menos frequentes no domínio da História. Uma razão para isso é a rejeição dos historiadores ao conceito de cultura material recortando a cultura, separação considerada por muitos historiadores como sendo artificial e arbitrária. Além disso, mantém-se a supremacia dos documentos textuais, mesmo com a renovação dos estudos na área. De qualquer maneira, os artefatos impõem-se aos historiadores como um problema.

A esse respeito, Ulpiano Meneses (1998) chama a atenção para o fato dos artefatos possuírem, como atributos intrínsecos, as propriedades de natureza físico-química, isto é, a matéria-prima a partir da qual são produzidos (fabricados), a forma geométrica, o peso, a cor, a textura, a dureza, etc. Tudo o mais advém do sentido historicamente atribuído aos objetos pelos grupos sociais. Outros autores como Baudrillard (2002) e Kopytoff (1995) têm assinalado as limitações de uma interpretação sobre os artefatos incidindo apenas em suas características e propriedades.

A descrição exaustiva dos objetos pode revelar a história da tecnologia e dos processos de fabricação, mas pouco revela sobre o sistema cultural no qual a produção do objeto se insere. Como afirma Baudrillard (2002), “cada um de nossos objetos práticos se associa a um ou vários elementos estruturais, mas por outro lado, escapam continuamente da estruturalidade técnica para as significações segundas, do sistema tecnológico dentro de um sistema cultural (p.14).” Portanto a questão dos significados se impõe na leitura dos objetos.

Nesse sentido, é importante ter em vista as operações de produção, circulação e consumo de sentidos que enlaça os artefatos (MENESES, 1998). Também não se pode esquecer que os objetos fazem parte de um sistema de produção de mercadorias, processo esse marcadamente cultural e cognitivo, como assinala Kopytoff (1995). Para esse autor, em qualquer sociedade, o indivíduo encontra-se frequentemente entre a estrutura cultural da mercadorização e sua própria tentativa de estabelecer uma ordem valorativa ao universo das coisas. Essa atribuição de valor e de sentido às coisas constitui, por sua vez, um processo de singularização das mercadorias. Em outros termos, significa compreender as complexas operações pressupostas na produção dos objetos e no seu consumo, na funcionalidade, no uso e no valor atribuído aos diferentes objetos por diferentes sociedades e diferentes grupos sociais. Por isso, Kopytoff propõe para a análise da cultura material que

os historiadores levem em conta a biografia das coisas, isto é, o modo pelo qual o uso e os sentidos de determinados artefatos se transformam ao longo do tempo e sob o efeito dos contatos culturais. A esse respeito, Marcelo Rede (1996) assinala duas implicações a serem levadas em conta pelo historiador ao utilizar os objetos como documentos: em primeiro lugar, a imperiosa necessidade de se considerar a trajetória do objeto, visto que, “pela sua própria materialidade, os objetos perpassam contextos culturais diversos e sucessivos, sofrendo reincursões que alteram sua biografia e fazem deles uma rica fonte de informação sobre a dinâmica da sociedade (transformações nos modos de relacionamento com o universo físico; mudanças nos sistemas de valores, etc.). Em segundo lugar, não perder de vista que a noção de trajetória aplica-se também ao momento em que o objeto se transforma em documento, operação pela qual ele adquire um novo sentido e novos uso, isto é, tornando-se fonte de informação. Rede (1996) ressalta ainda, a importância da constituição de séries para o estudo da cultura material, pois, “[...] o artefato – ainda que, por vezes, conserve individualmente algum potencial heurístico – ganha sentido no interior de seqüências constituídas pelo interesse da pesquisa, de acordo com critérios variados de articulação: cronologia, morfologia, fisiologia, matéria-prima, tratamento de superfície, etc.” (p. 280). Nessa direção, o autor sugere que o historiador se atenha à noção de contexto de forma a poder compreender as mudanças dos usos e sentidos dos artefatos.

Na educação, os materiais são vestígios e registros das finalidades culturais da escola. Como observa Escolano (1990),

“los textos, el mobiliario, los espacios y todos los elementos que componen el utillaje escolar hablan también de nuestros modos de pensar y de sentir, de los sistema de valores que informaron la educación, de la intrahistoria de la escuela y de las relaciones de ésta con la sociedad de cada epoca”(p.07).

A história da cultura material escolar compreende um amplo programa de pesquisa e demanda refinamento conceitual, teórico, analítico e a exploração de um conjunto significativo de fontes de pesquisa, incluindo necessariamente fontes materiais (os próprios artefatos).

Mesmo incidindo sobre a materialidade dos artefatos, o que se deve buscar é a compreensão da escola como projeto sócio-cultural (MAGALHÃES, 1998). Importa, pois, desnaturalizar os objetos escolares recuperando sua historicidade, compreendendo-os como

produtos humanos como objetos culturais com função e uso escolar. É pertinente tanto a perspectiva da história problema (REIS, 2003) como a busca da interpretação nos termos do paradigma indiciário de Ginsburg (1989), em que a busca de vestígios e sinais se entretetece com o observador atento para a descoberta do universal no particular. Para acercar-se do objeto, múltiplas operações teóricas e práticas convergem do ponto de partida ao ponto de chegada, na compreensão da educação como fenômeno complexo relacionado à realidade sócio-cultural, econômica e política.

Nessa trajetória, a cultura escolar não pode ser assumida como construto a priori, mas como categoria de análise que auxilia na interpelação das fontes no trabalho de confronto com os arquivos, atentando-se tanto para as continuidades e permanências quanto para as mudanças quase imperceptíveis que transformam o universo escolar.

Projeto EEBA: arquivo escolar e preservação da memória da escola pública

O trabalho realizado com o acervo de troféus da Escola Estadual Bento de Abreu insere-se no âmbito das ações propostas pelo *Projeto EEBA: História e Memória do Ensino Secundário em Araraquara*¹; cujo objetivo é reconstruir a história e memória deste estabelecimento de ensino a partir do desenvolvimento de pesquisas que venham investigar as práticas e saberes construídos e sedimentados pela instituição escolar, ao longo do tempo.

A Escola Estadual Bento de Abreu, que oferece hoje o ensino médio, é possuidora de extrema relevância na história do ensino secundário em Araraquara e região, pois foi um dos primeiros colégios do interior paulista, criado em 1913 para atender a elite local e regional. Ao longo de sua história, até transformar-se num estabelecimento de ensino público, esta instituição de ensino recebeu diversas denominações resultantes dos níveis e modalidades de ensino que oferecia, como High School Araraquara, Araraquara College, Colégio Mackenzie, Ginásio Municipal Mackenzie de Araraquara, Ginásio Estadual Bento de Abreu, Colégio Estadual e Escola Normal de Araraquara, Instituto de Educação Estadual Bento de Abreu e Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Bento de Abreu.

¹ O Projeto EEBA: história e memória do ensino secundário em Araraquara” é coordenado pelas Profas. Dras. Rosa Fátima de Souza e Vera Teresa Valdemarin, com a participação de uma equipe de pesquisadores da graduação em Pedagogia e da Pós-Graduação em Educação Escolar da FCLAr/UNESP. O projeto vem sendo realizado paralelamente a outros projetos coletivos e individuais desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Cultura e Educação.

Sua trajetória como instituição educativa gerou uma grande massa documental, composta, em sua grande maioria, de documentos administrativos que trazem vestígios das práticas escolares, dos ritos, dos saberes que constituíram e delinearão a história educacional dessa instituição. Assim, dentre os 24.000 documentos e 520 livros datados a partir da década de 1930, e até o presente momento organizados pela equipe de pesquisadores envolvida no projeto, o pesquisador terá contato com os livros de matrículas produzidos; os livros-ponto docentes; as atas de reuniões, os boletins de frequência; os boletins de exames; os relatórios das sessões cívicas, banda marcial e canto orfeônico, planos de ensino; mapas de movimento, entre outros documentos.

Considerando a importância desses documentos como ricas fontes históricas para a compreensão e o conhecimento da cultura escolar, os dados neles disponibilizados podem propiciar uma investigação sobre as transformações ocorridas na escola, ao longo do tempo, considerando as características do alunado por ela atendido; o conhecimento de sua organização didático-pedagógica e ação educativa; o currículo e os métodos de ensino propostos; a arquitetura e a construção do espaço para o ensino, bem como o papel social da escola no contexto histórico da cidade de Araraquara.

Atualmente, o *Projeto EEBA: História e Memória do Ensino Secundário em Araraquara* está voltado para a organização do acervo documental de valores probatório e informativo da escola; para a capacitação de alunos de graduação e pós-graduação para o manuseio, catalogação, organização e acondicionamento de documentos; bem como à criação de instrumentos de pesquisa que venham disponibilizar este acervo para a comunidade escolar e para futuros pesquisadores. Desde 2004, ano de início do projeto, a equipe de pesquisadores tem participado de capacitações ministradas por profissionais e especialistas na área de arquivística, recebendo informações técnicas quanto à forma de tratamento e organização desse acervo documental, bem como realizado visitas técnicas a arquivos e centros de documentação.

Dentre os documentos organizados pela equipe de pesquisadores do Projeto EEBA, foram também contemplados um conjunto composto de troféus e algumas medalhas, recebidos pela instituição ao longo de sua trajetória e participação em eventos culturais e esportivos ocorridos na cidade de Araraquara e região, entre os anos de 1960 e 2005. Considerando que a história também se faz com testemunhos, com objetos, com paisagens e não necessariamente com documentos escritos (FUNARI, 2005), nesses troféus percebemos uma rede de significações que denunciam a presença de determinadas práticas, ritos e tradições incorporadas e conservadas pela instituição escolar.

A coleção de troféus e medalhas: vestígios da cultura escolar

A atenção dada aos troféus recebidos pelo EEBA, por meio da participação de seus alunos em eventos esportivos, festivos e culturais, significativos para a cidade e, principalmente para a instituição escolar como um todo, origina-se da importância dada à materialidade dos objetos escolares, considerando que os mesmos evidenciam uma herança educativa e proporcionam a apreensão de práticas escolares e representações. A guarda desses objetos em lugares bem visíveis e de fácil acesso a todos que entram na escola, como a portaria ou a sala do diretor, mostra a tentativa dos sujeitos escolares em preservar a memória da instituição, cultuando seu passado memorável.

Com o intuito de organizar o acervo digital dos troféus e medalhas do EEBA, primeiramente foi elaborada uma ficha de identificação do objeto, a qual continha os dados gerais do mesmo (matéria, dimensão, local, cor, estado de conservação), seu histórico (modo de obtenção; inscrições, símbolos e marcas, nome do evento) e seu número em imagem digital. A higienização dos objetos, bem como a catalogação, foram realizadas conjuntamente. Houve o cuidado de prepararmos um ambiente apropriado para a execução das fotos digitais, o qual interferisse o menos possível na identificação de suas características estéticas. Desta forma, foram fotografados 102 objetos, entre eles 98 troféus, duas medalhas, uma placa e um diploma.

Boa parte desse material oferece inúmeros dados sobre os diversos eventos participados pela escola. Desde as tradicionais fanfarras, bandas marciais e desfiles de comemoração da cidade, até participação em campeonatos esportivos, como voleibol, futsal, tênis de mesa e natação. No entanto, esses objetos podem fornecer bem mais que informações sobre a inserção social da instituição educativa a partir de seu destaque em eventos significativos para a cidade e sociedade da época. Observando atentamente a materialidade desses objetos, no que concerne ao tipo de material no qual são fabricados, as figuras e desenhos neles inscritos, bem como a sua dimensão espacial, percebemos que esses, em sua forma, são portadores de mensagens estéticas e semânticas.

Troféus e medalhas, por sua natureza, são símbolos de mérito, status e prestígio. Confere àqueles que os recebe um destaque, a proeminência em relação aos demais. A composição estética desses artefatos atualiza símbolos e mitos inscritos no imaginário social. Preservados e colocados à mostra na escola, induzem à lembrança e alimentam a memória. São sinais valiosos e inequívocos da projeção da escola no meio social. Testemunhos da participação, e, muitas vezes, da conquista de vitórias e títulos, esses

objetos constituem um legado da escola para as novas gerações. Eles também podem ser vistos como vestígios da cultura escolar. Eles têm algo a dizer sobre o passado distante e recente da instituição e preservam a auto-imagem da escola e sua identidade.

De fato, é incontestável o prestígio da Escola Estadual Bento de Abreu no imaginário da sociedade araraquarense. Considerada, de modo geral, como sendo uma “boa escola pública”, ela foi até a década de 1990, símbolo de rigidez e excelência no ensino. A qualidade cultivada na sala de aula estendia-se também nos vários tipos de participação da escola no meio social, nos Jogos da Primavera, nas competições esportivas realizadas na região, nas comemorações cívicas. Muitas dessas representações perpassam a coleção de troféus e a forma como esses artefatos se dão a ver no interior da escola.

De acordo com Moles (1972), o objeto “é um dos elementos essenciais que nos cerca. Constitui um dos dados primários do contato do indivíduo com o mundo” (p.09). Assim, entendemos que os objetos escolares, tais como: móveis, materiais didáticos, troféus, instrumentos musicais, uniformes, documentos impressos e escritos, entre outros, constituem signos e incorporam em si inúmeros significados, sentidos, modos de ver a escolarização e o mundo.

Os objetos são vetores de comunicação e portadores de mensagens em sua exterioridade, além de sua materialidade; conforme Moles (1972) reitera em seus estudos sobre a semiologia dos objetos, vendo o objeto como a concretização de um grande número de ações do homem, tanto as ações referentes a sua construção quanto àquelas propiciadas pela sua utilização. Para Baudrillard (2002), os objetos possuem características estéticas e semânticas; ou seja, são signos ricos de idéias, sentidos, representações que mostram um modo de pensar e agir sobre o mundo. Desta forma, as características estéticas dos troféus chamam-nos a atenção para as imagens recorrentes e estigmatizadas neles - como a águia e a mulher, e instigam-nos a nos perguntar por que essas figuras estão ali estigmatizadas e são valorizadas e legitimadas pela instituição.

A partir dessas considerações, os troféus podem nos informar sobre as maneiras pelas quais a escola fez-se aparecer para a sociedade, quais as práticas escolares propostas para o disciplinamento dos corpos a partir dos eventos esportivos participados, quais as transformações e rupturas essas práticas sofreram ao longo da trajetória da instituição quando as relacionamos com os eventos esportivos da época, quais questões de gênero permeiam essas práticas, quais os contextos econômicos e culturais nos quais esses objetos são produzidos.

É válido considerarmos que a participação da escola em eventos extra-curriculares, demanda toda uma preparação prévia de seus agentes (professores, alunos, direção, inspetores e coordenadores), podendo ocorrer mudanças temporais em suas práticas escolares cotidianas no sentido de adaptar a escola a esta preparação. Assim, um estudo mais aprofundado sobre esses troféus poderá mostrar vestígios dessas práticas escolares, das transformações ocorridas na escola por influência da sua participação em determinados eventos. E é neste caso que aliado à análise da materialidade desses objetos pode-se recorrer a outras fontes documentais, buscando criar ferramentas que interpretem a cultura escolar de uma determinada época.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos Objetos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 4 ed, 2002.

ESCOLANO, Agustín. **Presentación**. In: *Cien Años de Escuela em España (1875-1975)*. Salamanca: Kadmos, 1990.

FUNARI, Pedro Paulo. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p.81-110.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

KOPYTOFF, I. *The cultural biography of things: commoditization as process*. In: APPADURAI, Arjun. (Ed.) **The social life of things**. Commodities in cultural perspective. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

MAGALHÃES, Justino. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. In: CATANI, Denice B. e SOUSA, Cynthia P.(orgs.). **Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente**. São Paulo: Escrituras Editora, 1998, p. 51-70.

MENESES, Ulpiano T. B. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Revista Estudos Históricos**, n. 21, 1998.

MOLES, Abraham A. Objeto e comunicação. In: MOLES, Abraham; BAUDRILLARD, Jean; BOUDON, Pierre, VAN LIER, Henri; WAHL, Eberhard. **Semiologia dos objetos**. Petrópolis: Editora Vozes, 1972, p.9-41.

REDE, Marcelo. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v. 4, p. 265- 82, 1996.

REIS, José C. **História & Teoria**: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.